

## UM POUCO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA DE FLORENÇA

Carlos Francisco Bandeira Lins  
Procurador de Justiça Aposentado

### a) UM RIO NA TOSCANA

Na encosta ocidental do Monte Falterona há uma nascente cujas águas descem, em torrente impetuosa, rumo ao Vale do Cosentino. Algum povo antigo, talvez ainda anterior aos romanos, vendo os saltos sucessivos com que os borbotões, desfazendo-se em brancas espumas, caíam pelas quebradas da montanha, comparou a cena a jovens animais que saltassem entre as pedras. Por isso, o rio que nasce ali teve o nome de Arno, provindo da palavra grega que designa cordeiro.

Por um tempo o Arno acompanha as fraldas dos Apeninos, rumo ao sul. Recebe, nesse trecho, os primeiros afluentes, vindos, como ele, da cadeia montanhosa que caprichosamente se ergue entre a face adriática e a tirrênica da Península Itálica.

Depois, encontrando terras que opõem resistência a seu rumo inicial, o Arno faz uma curva elegante, muda o curso para o norte e, mais longe da cadeia montanhosa, segue nesse sentido por distância semelhante à que já percorrera, até que, não muito longe do lugar em que brotara, novos obstáculos o fazem seguir rumo oeste, em seu curso inferior, para chegar à Planura de Pisa e lançar suas águas no Mar Lígure, percorridos duzentos e quarenta quilômetros desde a nascente.

Quem, nesse trecho de planície, vir, em tempos de calma, o Arno passar tranquilo e em silêncio por entre doces colinas toscanas não será capaz de imaginá-lo enfurecido. E, no entanto, a planície mesmo que o Arno percorre é resultado da fúria de suas águas, em tempos de cheia,

quando o rio não se satisfaz com seu leito natural e arrasta para os lados ou para a foz as terras adjacentes a ele, com tudo o que nelas houver.

Até contra o mar o rio lança seu repto e o vai vencendo numa batalha de séculos: se, no apogeu do império romano, Pisa era uma cidade costeira, com porto marítimo junto ao centro, hoje o mar dista dali seis quilômetros, tomados por terras aluviais trazidas pelo Arno.

## b) UMA CIDADE JUNTO AO RIO

Os etruscos, primeiros habitantes da Toscana em tempos históricos, respeitavam, precavidos, essas alternâncias de humor do Rio Arno. Por isso, faziam suas cidades nas partes altas adjacentes e mantinham apenas pequenos povoados próximos às margens, sem construções significativas que pudessem ser destruídas nos momentos de cólera do rio.

Assim é que, na região que hoje se chama Conca di Firenze, o povo etrusco se instalou em Fiesole, no alto de uma de uma colina, de onde podia ver, lá embaixo, o curso do rio, suas cheias, e eventuais inimigos que viessem ameaçá-lo. Mas se o cuidado foi suficiente para impedir estragos da natureza, não obstou o triunfo dos romanos.

Estes, mais ousados e menos conhecedores das terras que acabavam de conquistar, não tiveram a mesma cautela; seduzidos pelas águas cristalinas do Arno, decretaram o confisco da área adjacente a ele, em favor dos veteranos de Júlio César e, destruindo quase todos os vestígios de uma primitiva aldeia etrusca, edificaram, na margem direita do Arno, perto da embocadura de um afluente, o Mugnone, e em ponto no qual a planura e o próprio rio eram ainda mais estreitos, a cidade de Florentia, nome trasmudado para Fiorenza e, muito depois, para Firenze, embora, nas línguas estrangeiras, se tenha quase sempre adotado, para designá-la, um nome mais próximo do que lhe era dado pelos antigos romanos.

De sua origem romana a cidade não guardou apenas a memória e fortes traços urbanísticos; seus habitantes mais orgulhosos sempre buscaram remontar as origens ancestrais a vetustas famílias da Roma Antiga, ainda que o longo período de invasões bárbaras torne, quase sempre, obscura a genealogia que assim se queira traçar.

Sob os romanos, Florença tornou-se um porto seguro para quem percorresse a Via Cássia Nova, ligação entre a capital do império e suas muitas conquistas ao norte. E tal circunstância permitiu o crescimento rápido da cidade, que se estendeu para a outra margem do rio ao ser construída, por volta do ano 123, a primeira ponte sobre o Arno.

No ano 250 o martírio de São Miniato provocou a conversão ao cristianismo de muitos de seus habitantes e atraiu peregrinos para o local do sepultamento, escolhido pelo próprio santo, segundo crença que dizia haver ele subido a encosta de uma colina próxima, segurando a própria cabeça, que lhe fora arrancada por ordem do imperador Décio. Comerciantes orientais, estabelecidos junto à margem esquerda do rio, bem às vistas da porta da cidade, teriam sido dos primeiros a abandonar os velhos deuses e a abraçarem a religião cristã.

Anos depois, exatamente nessa margem do Arno, vem a ser edificada a Igreja de Santa Felícita, sinal seguro de que a cidade se estendera bastante na margem oposta àquela em que se haviam traçado as duas vias principais das cidades romanas, o cardo (no eixo de norte a sul) e o decúmano (de leste a oeste), no entroncamento das quais ficava o foro. Também para o lado mais distante do rio a cidade se estendera e em fins do século IV Santo Ambrósio fundou a Igreja de São Lourenço, já fora do primitivo recinto amuralhado.

Entretanto, com a queda do Império Romano, Florença entrou em decadência profunda. Sob pressão de bárbaros, construiu novos muros, retraiu-se para o interior deles e se fechou ao contato exterior.

As fortificações existentes não foram suficientes para que sucumbisse a ostrogodos, alamanos, bizantinos e lombardos, que se sucederam na região.

No século oitavo, quando estes últimos, senhores da Toscana, ameaçavam os estados pontifícios mais ao sul, o papado apelou a Carlos Magno, rei dos francos, que atacou os lombardos pelo norte e os venceu, estabelecendo as bases de um domínio franco sobre Florença.

Nessa época alguns cavaleiros carolíngios se teriam fixado na cidade, dentre estes um primeiro Cavalcanti.

### c) NA CIDADE, UMA PONTE SOBRE O RIO

A primitiva ponte romana sobre o Arno, destruída e refeita muitas vezes, não existia mais ao cabo de tantas lutas. Muitas águas rolaram sob ela; nas cheias, muitas águas rolaram sobre ela; nas mais intensas, a ponte rolara sob as águas e seus restos, levados rio abaixo, somaram-se aos terrenos aluviais junto à foz.

E sob a dominação carolíngia Florença não recuperou o prestígio que tivera sob os romanos, de modo que custou a ser reposta a ponte sobre o Arno.

Há registros de que pontes de madeira, construídas no correr do século XI, tiveram o mesmo impiedoso destino que suas predecessoras. E inclusive uma erguida sobre base de pedras, no século seguinte, não resistiu à grande enchente de 1333, por séculos na memória florentina como a mais catastrófica de que se havia tido notícia (até a violentíssima cheia de 4 de novembro de 1966, em que o rio, chegando a Florença com um volume de água quase cem vezes maior que a média anual, danificou ou destruiu mesmo grande número de obras-primas do Renascimento e documentos importantes para a história da cidade).

Enfim, em 1341, se deu início à construção da ponte que ainda hoje existe, terminada em 1345. É a *Ponte Vecchio*<sup>1</sup>, cujos traços arquitetônicos Vasari, o célebre historiador da arte, atribui ao também pintor Taddeo Gaddi, embora outros autores digam ser de autoria de Neri di Fioravante.

Ladeada hoje de graciosas lojas de joalheiros que fazem o encanto e a ruína dos turistas, mal se pode imaginar que, pouco depois de construída e até 1593, a ponte foi ocupada pelos açougueiros de Florença, que no rio jogavam os restos inaproveitados dos animais ali retalhados.

Em 1565, alguns anos depois de haver comprado, no Oltrarno, o Palazzo Pitti, o duque Cosme de Medici encomendou ao já citado Giorgio Vasari a construção de um corredor coberto, que, passando sobre os altos das casas que se interpunham entre os dois palácios, ligasse sua nova morada ao Palazzo Vecchio, na margem direita do rio, onde ficava o centro político e administrativo do ducado. Em menos de seis meses Vasari teria projetado e edificado o célebre Corredor Vasariano, que ainda hoje se estende por mais de um quilômetro de um a outro palácio, passando pelas antigas salas da administração do governo florentino (que servem hoje de sede a um dos mais importantes museus do mundo, que, como lembrança de seu uso original, tem o nome de Uffizi), sobre as casas comerciais da ponte, pelos altos da Igreja Santa Felicità (permitindo ao duque que assistisse aos ofícios religiosos sem se misturar com o povo) e sobre vários outros prédios do Oltrarno.

Em 1939, Hitler e Mussolini atravessaram a ponte, acompanhados de altos integrantes dos governos nazista e fascista e, cinco anos depois, invocando esse fato, o representante alemão em Florença impediu que, ao baterem em retirada as tropas tedescas que ocupavam a Toscana, fosse

---

<sup>1</sup> Palavra de gênero feminino em português, “*ponte*” integra o gênero masculino em italiano. Daí a razão de chamar-se a ponte sobre o Arno “*Ponte Vecchio*”, e não “*Ponte Vecchia*”. O mesmo se dá em francês, razão pela qual a ponte parisiense sobre o Sena se chama “*Pont Neuf*”, e não “*Pont Neuve*”, como haveria de ser se a palavra fosse feminina.

dinamitada aquela construção histórica, uma das relíquias medievais de Florença.

#### d) UMA TORRE JUNTO À PONTE

Ao projetar a primeira ponte de pedras de tempos medievais, no século XII, seu arquiteto, cujo nome se perdeu, concebeu que, para dar mais solidez à obra e para propiciar novos meios de defesa à cidade que tantas dominações havia conhecido, quatro torres se ergueriam, nos alicerces de cada um dos ângulos da ponte, em terra firme.

Símbolos de poder familiar, as torres haviam-se tornado moda àquele tempo, como ainda agora se pode ver, por exemplo, na pequena e histórica cidade de San Gimignano.

Florença não escapara ao modismo, do qual em seu núcleo histórico ainda hoje se encontram alguns exemplos, sobreviventes aos séculos, a tantos conflitos bélicos, a tantas devastações causadas pela fúria do rio, a tantas reordenações arquitetônicas que ora incorporavam as torres a palácios que, a partir do século XIII, passaram a ser o objeto do desejo das famílias abastadas, ora as faziam derrubar em favor de construções mais ao gosto dos novos tempos ou de vias mais largas.

Cronistas medievais florentinos, como Giovanni Villani, contam também que, na metade do século XIII, a municipalidade, preocupada com o desmoronamento de torres, cuja altura chegara a cerca de setenta metros, e com o intuito de simbolicamente demonstrar a limitação do abusivo poder familiar, exigiu que as torres já existentes fossem parcialmente demolidas, até ficarem com a altura de vinte e nove metros, aproximadamente. E tantas eram as torres que superavam tal gabarito que com as pedras de tais demolições o Oltrarno todo foi murado.

Das quatro torres que havia nos ângulos da ponte sobre o Arno, três desapareceram há muitos séculos, provavelmente na grande cheia de 1333.

Restou uma só: a Torre dei Mannelli, ou, simplesmente, Torre Mannelli, monumento mais velho que a multissecular Ponte Vecchio. Bastante diminuída em sua altura original (seja por imposição de posturas municipais, seja pela deterioração natural do tempo, seja, o que é bem provável, por conta de intermináveis lutas por força das quais as famílias se alternavam no poder e fustigavam as vencidas com humilhações de vários tipos), essa torre, cuidadosamente restaurada após a queda do governo fascista italiano, viu-se, nos últimos anos, objeto de um remendo ignominioso, vergonha para os conhecidos cuidados de preservação que caracterizam a república italiana e mostra de submissão do poder público aos gostos e vontades de um desses ditadores da moda do vestuário, que conseguiu permissão para erguer, no topo daquele prédio, um último andar, com largos janelões e outras características arquitetônicas que agridem e desfiguram a construção histórica.

#### e) A TORRE E A ORIGEM FAMILIAR DE SEUS DONOS

A torre de que vimos falando, situada no Oltrarno, à esquerda de quem, vindo do Palazzo della Signoria, transpõe a Ponte Vecchio, pertenceu por séculos à família dos Mannelli. Fica no atual número 84 da Via dei Bardi, nome que presta homenagem à família que, no número 44 dessa mesma rua, erigira também construção semelhante.

Sobre os Mannelli devemos nos debruçar um pouco, porque dentre eles nasceu a mãe de Filipe Cavalcanti, o florentino que veio para Pernambuco no fim da primeira metade do século XVI e aí viveu até começos do XVII, sem jamais rever a terra natal e no Brasil constituindo aquela que foi a mais poderosa família pernambucana e, ao ver de vários autores, dentre os quais os genealogistas Carlos Eduardo de Almeida Barata e Antônio Henrique da Cunha Bueno, a mais numerosa família brasileira: os Cavalcanti de Albuquerque.

Estavam os Mannelli há muitos séculos em Florença. Sem provas documentais que pudessem exhibir, consideravam-se descendentes diretos da *gens* Manlii, uma das mais importantes famílias da Roma Antiga. Da alta aristocracia, alguns Manlii teriam se instalado em Florentia logo que esta fora fundada para abrigar os veteranos de Júlio César e para assegurar a Roma o controle do Vale do Arno.

Não seriam, pois, originários da região, dominada pelos etruscos. Teriam chegado com o expansionismo romano.

Entretanto, muito antes de César, a um tempo em que alguns de seus membros chegaram a cônsules e a ditadores, já os Mânlios, como várias das mais influentes famílias romanas, se haviam consorciado por casamento com a aristocracia etrusca de outros pontos da Península Itálica, como, por exemplo, com a *gens* Licinii. Por isso, decerto não lhes foi sido difícil estreitar laços de amizade com os antigos senhores da Toscana e com eles estabelecer vínculos de parentesco, dos quais não há comprovação por conta de um antigo costume italiano de se preocupar apenas com a linhagem masculina, relegando a um quase total abandono os ascendentes em linha materna.

Com membros espalhados por várias regiões da Itália, o mais ilustre e conhecido dos Mânlios viveu no início da Idade Média: foi o filósofo, estadista e teólogo romano Boécio, que, tendo estudado os originais gregos, revelou para o cristianismo o pensamento de Platão e de Aristóteles, permitindo o desenvolvimento da patrística e a formação da escolástica, doutrinas filosóficas que buscam conciliar a doutrina cristã e o pensamento clássico da Antiguidade.

Em sua obra mais famosa, *De Consolatione Philosophiae*, escrita quando, preso, aguardava ser executado por ordem de Teodorico, o Grande, rei dos ostrogodos, de quem fora amigo, Boécio desenvolveu o conceito da “*roda da fortuna*”, aceitando que a sorte dos homens se alterna: os ricos e

poderosos de hoje podem ser um dia humilhados e destruídos, ao passo que os desfavorecidos de tudo poderão chegar à riqueza e ao poder.

Tal noção, que ganhou curso por toda a Europa, pode não se aplicar a um indivíduo isolado, mas, sem dúvida, serve bem aos Mannelli de Florença, quando se procura ter em vista o que se passou com a família ao longo dos séculos.

Se conservaram a antiga nobreza enquanto durou o Império Romano, decerto que, como o parente ilustre, padeceram sob o poder de Teodorico e dos vários povos bárbaros que se sucederam no domínio de Florença, numa “*época miserável*”, diz Maquiavel, “*porque se se considerar de quanto dano seja razão o mudar príncipe ou governo em uma república ou em um reino, não por algum motivo intrínseco mas somente por discórdia civil, se poderá depois imaginar, naqueles tempos, o quanto sofriram a Itália e as outras províncias romanas, que não somente mudaram o príncipe e o governo, mas as leis, os costumes, o modo de viver, a religião, a língua, os hábitos, os nomes*”.<sup>2</sup>

As lutas das tropas carolíngias contra a hegemonia lombarda na Toscana acabaram dando estabilidade à região, mas os vitoriosos não vinham restaurar o prestígio de velhas famílias aristocratas. Como os romanos, oito séculos antes, tinham eles suas próprias hierarquias, a serem impostas à população local. Os novos dominadores haviam nascido além dos Alpes e os Mannelli, a ser mesmo certo que descendiam dos antigos Manlii, ficaram longe do prestígio de que haviam estes desfrutado outrora, quando até Papas chegaram a ser escolhidos em suas fileiras.

Mas as sucessivas dominações externas não foram a causa única das grandes atribulações que se abateram sobre os florentinos. Piores que as invasões inimigas foram as pelejas sem tréguas que por séculos dividiram a

---

<sup>2</sup> MAQUIAVEL, Nicolau, *História de Florença*, trad. CANABARRO, Nelson, 2ª edição revisada, São Paulo, Musa Editora, 1998, p. 42.

população de Florença, com alternâncias constantes da facção no poder. E os Mannelli não foram poupados dos sofrimentos que essas lutas provocaram.

**NOTA:** o texto acima integra o livro *Gente do Taipu: os Lins Cavalcanti de Albuquerque, de remotos ancestrais medievais à morte de José Lins do Rego*, a ser lançado pelo autor no mês de setembro próximo, pela *Mídia Editora*, na Academia Paraibana de Letras, como parte das homenagens a José Lins do Rego, no transcurso do 60º aniversário de seu falecimento.

O trecho reproduzido integra o Capítulo VIII, em que são estudadas as origens familiares de Filipe Cavalcanti, o florentino que no século XVI veio para o Olinda e aí se casou com a mameluca Catarina de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque e da índia tabajara Muirá Ubi, dando início à família Cavalcanti de Albuquerque.